

#cm

2

QUINTA-FEIRA

Começa a competição de animações em Gramado

PÁGINA 3



Gonzaguinha ressurgiu em disco de Sandra Pêra

PÁGINA 5



Mostra revela uma IA que observa e cria a sua arte

PÁGINA 8



'Mercado de Notícias' (2014), de Jorge Furtado, integra a grade online do Festival de Gramado

Na arqueologia das fake news

Portal do Festival de Gramado resgata o doc. 'Mercado de Notícias', de 2014, em que o realizador Jorge Furtado já analisava o fenómeno das notícias falsas junto à sociedade brasileira

53 FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Até sábado, quem clicar <https://festivaldecinema-degramado.com/mostra-acessivel/> poderá ver, a custo zero, no aconchego do lar, "O Mercado de Notícias" (2014), de Jorge Furtado, o primeiro documentário brasileiro a levar às salas de cinema o

conflito de nosso jornalismo contra as fake news. São assim chamadas as falácias que, espalhadas (sobretudo) por grupos de whatsapp elegeram um falso messias faz pouco tempo.

Documentário sobre mídia e democracia, incluindo uma breve história da imprensa desde o seu surgimento, no século 17, até hoje, "Mercado de Notícias" é ilustrada pelo humor da peça "O Mercado de Notícias", escrita pelo dramaturgo inglês Ben Jonson em 1625, sobre os primórdios do jornalismo. Trechos da encenação da peça são intercalados com entrevistas de 13 jornalistas brasileiros comentando temas da prática jornalística e casos recentes da história política brasileira, onde a imprensa tem papel de grande destaque.

Continua na página seguinte

ENTREVISTA / JORGE FURTADO, CINEASTA E ROTEIRISTA

Edison Vara/Agência Pressphoto

53 FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO

Jorge Furtado fez História nas veredas da não ficção, 35 anos atrás, ao conquistar o Prêmio do Júri da Berlinale, na Alemanha, com “Ilha das Flores”, considerado o maior curta-metragem do país, de todos os tempos, em enquetes da crítica nacional. Foi um dos títulos, em formato pílula, que asseguraram à curadoria do Festival Gramado prestígio em todo o território brasileiro no passado.

Furtado foi uma usina de curtas geniais entre os anos 1980 e 1990, antes de passar para a televisão (como roteirista) e antes de se lançar nos longas-metragens, com joias como “Saneamento Básico” (2007) e “O Homem Que Copiava” (2003). A maratona gramadense sempre está no radar dele e de sua produtora, a Casa de Cinema de Porto Alegre. Não por acaso, ele ganhou um troféu honorário na cidade em 2024, o Eduardo Abelin. Este ano, a presença de seu ensaio (à moda Balzac) sobre manchetes e apurações sérias incendeia no Rio Grande do Sul uma reflexão sobre artimanhas da mídia.

O termo “Burrice Artificial”, cunhado pelo diretor numa recente entrevista ao site luso C7nema, brinca com algoritmos e a IA. É esse o papo que ele trava com o Correio da Manhã a seguir, relembrando o tempo de escassez da produção nacional, na Era Collor, antecipando detalhes de seu novo filme, em finalização, chamado “Muito Prazer”. Com a palavra... Jorge Furtado:

O que “Mercado de Notícias” te propiciou como aprendizado no trânsito pelas ferramentas documentais, feito três décadas depois de “Ilha das Flores”?

Jorge Furtado: “O Mercado de Notícias” é um filme de que eu me orgulho muito de ter feito, por ter entrevistado grandes jornalistas e por ter trazido o pensamento (em forma de peça) do



(dramaturgo) Ben Jonson à tona naquele momento. Engraçado que esse é um documentário sobre fake news, mas não fala nessa expressão, pois ela só surgiu no ano seguinte. Então o filme estava falando das “notícias falsas”, que era como a gente chamava essas mentiras até então. Eu percebi, naquele momento de explosão da internet, das redes sociais, que jornalistas profissionais seriam cada vez mais necessários. A batalha dessa turma é uma luta difícil que continua sendo lutada. A luta da boa informação... da informação profissional... contra a mentira é árdua. Agora, com a inteligência artificial mentindo em ritmo astronômico, a gente cada vez mais vai precisar do bom jornalismo. Assim sendo, o filme continua bastante atual.

Agora que “Carlota Joaquina”, de Carla Camurati, voltou às telas, 30 anos depois de seu lançamento, a gênese da Retomada voltou à tona e, naquele

ano zero dessa reconstrução de nosso cinema, 1995, você esteve em Gramado com “Felicidade É...” e saiu de lá premiado. O que aquele filme representou para o cinema do país, e do Rio Grande do Sul, naquela época?

Aquele foi um ano difícil para o cinema brasileiro. O “Felicidade É...” ganhou o prêmio de Melhor Filme Brasileiro no Festival de Gramado, no de Brasília e no de Goiânia, por um motivo muito simples: ele era o único título nacional concorrendo, porque não tinha outro. A gente resolveu, numa cooperativa de curta-metragistas, fazer um filme de episódios. A gente resolveu produzir, do jeito de que dava, para botar em Gramado. Então, foi um filme de resistência.

O que Gramado representou para o filme?

Acho que Gramado representa – e muito – a resistência do cinema brasileiro. Nosso cinema já aca-

bou algumas vezes. Acabou com o Collor; depois, com o Inelegível (Jair Bolsonaro). Apesar disso, assim como o nosso cinema, o Festival de Gramado se reinventa. Ele se refaz, vira latino (referência do diretor ao período de quase 30 anos em que o evento tinha uma competição estrangeira), muda e continua, como o cinema brasileiro continua também. Foi muito importante para nós, naquele momento, resistir e ter um filme. “Felicidade É...” ainda é interessante, é divertido. São bons curtas reunidos.

Nos anos 1980 e na primeira metade dos 1990, o cinema gaúcho esteve na ponta da ebulição estética nacional, tendo em Gramado uma vitrine. O que houve de mais potente na produção do seu estado naquele ano e o que Gramado cumpriu de essencial para essa inflamabilidade de boas ideias da época?

O começo dos anos 1980

foi um momento de ebulição da produção de curtas no Brasil, e Gramado dava espaço para essas produções. Tinha muitos curtas bons. Eu lembro que a associação que reunia os curta-metragistas era a ABD, a Associação Brasileira de Documentaristas, porque quase todos os curtas eram documentários. No começo dos anos oitenta, houve uma virada dessa lógica, e a gente começou a produzir filmes de ficção em curta metragem. Aí teve aquilo que se chamou a Primavera do Curta, em 1986, quando “O Dia Em Que Dorival Encarou a Guarda”, “A Espera” e “Ma Che Bambina” dividiram o prêmio de melhor filme em Gramado. A partir dessa divisão do prêmio principal, a gente juntou esses filmes e fez uma mostra de curtas, o que criou uma certa moda. Foi um momento muito rico. Aliás é impossível lembrar desse momento sem lembrar o nome da (produtora) Zita Carvalhosa, nossa grande amiga, que nos deixou esse ano, e que foi fundamental na produção desses curtas e na divulgação do formato.

A Casa de Cinema de Porto Alegre, produtora da qual você faz parte, segue ativa no estado... brilhando fora dele também. Como andam os projetos da empresa hoje e o que esperar(mos) de “Muito Prazer”, seu novo longa?

A Casa de Cinema, que está rumando para os 40 anos, continua produzindo muito. A gente continua fazendo cinema e televisão, em Porto Alegre, com uma grande equipe. O recente “Virgínia e Adelaide”, que foi dirigido pela Yasmin Thainá e por mim, é um filme que a gente produziu, e está chegando aos streamings agora, depois de 14 semanas nos cinemas. Agora estou acompanhando a montagem do “Muito Prazer”, que é um longa de ficção, uma comédia romântica antialgorítmica. É uma comédia que fala dos algoritmos, do ridículo que são os algoritmos quando aplicados à paixão. Quase todos os algoritmos são um problema. O filme deve estar pronto no ano que vem.

53 FESTIVAL
DE CINEMA
DE GRAMADO

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Apoiado em ancestralidades, africanas e indígenas, para celebrar a cosmogonia, “Jeguatá Xirê”, uma produção de apenas sete minutos, dirigida por Alan Alves-Brito, Ana Moura e Marcelo Freire, reconectou Gramado com uma das fortes tradições do Rio Grande do Sul das telas: a animação. Desde os anos 1980, o festival celebra a prata da casa, a se destacar os talentos da Casa de Cinema de Porto Alegre, a maior produtora do estado. Nessa valorização do que o cinema gaúcho faz de melhor, em múltiplos pontos do estado, as narrativas animadas têm lugar nobre. É o que justifica a presença de “Mãe da Manhã”, de Clara Trevisan, na competição gramadense dedicada a títulos da região. Esse poema feral, de oito minutos e nove segundos, foi premiado na Europa e, agora, busca reconhecimento em seu berço.

Laureado com uma distinção honrosa no Athens Animfest, “Mãe da Manhã” busca na Natureza sua forma de produzir existencialismo, com uma direção de arte exuberante. Sua trama se passa no breu da noite. Nela, uma criatura faminta busca alimento e perpetua um ciclo.

Igualmente sintonizado com as forças naturais, “Jeguatá Xirê”, que abriu a competição oficial de curtas deste ano, na segunda, encara o Céu como um arquivo de narrativas. Em cada estrela ou sombra ressoam relatos que guiam sonhos e lutas. O roteiro segue o rastro de uma serpente cósmica que dissolve fronteiras e traça novos caminhos. Entre os cantos ancestrais, corpos e pensamentos brilham como constelações, numa fricção entre a física e a fabulação.

Cada um desses títulos renova uma estrada do Sul que tem como estandarte nº 1 Otto Guerra, o único animador do país que ganhou o troféu Eduardo Abelin, a honraria oferecida por Gramado, desde 2001, a cineastas autorais e a produtores que fomentam descobertas estéticas. A partir de 1984, com “O Natal do Burrinho”, sua obra é referência nacional (e internacional) de desenho animado, com destaque para o cult “Wood & Stock – Sexo, Orégano e Rock’n’roll” (2006).

“O RS, assim como o Brasil, vive um momento que eu acreditava nunca ver ainda em vida: tá larga e tá conceituada a animação brasileira. Aqui, além de empresas de produ-



Ancestralidades plurais regem ‘Jeguatá Xirê’, que abriu a disputa de curtas de Gramado 2025

Fotos: Divulgação

Anima, Gramado!

Filmes ligados à Natureza e aos saberes ancestrais revivem a tradição gaúcha da animação autoral, ao mesmo tempo que um estandarte do setor, Otto Guerra, prepara novidades



Vindo de Porto Alegre, ‘Mãe da Manhã’ foi premiado no exterior e agora representa seu estado na disputa dedicada ao cinema gaúcho



Cena de ‘Ai que Preguiça, Show’ em que Macunaíma entrevista Mário de Andrade, sob a ironia de Otto Guerra

ção de séries e jogos, a gente está finalizando dois longas e iniciando mais dois, além de desenvolver projetos de séries e curtas”, diz Otto ao Correio.

Consagrado nos curtas com “Novela” (1992) e “Cavaleiro Jorge” (2000), ele finaliza agora “O Filho da Puta”, cujo título já traduz sua irreverência. “Vai ser um upgrade na Otto Desenhos (a empresa do cineasta), e também estamos lançando, no início de 2026, ‘Joe e o Vale Vazio’, o primeiro longa infantil produzido aqui”, antecipa o cineasta.

A pleno vapor em sua produtividade, a Otto Desenhos está iniciando ainda “Matrioskas”, que também será longa, e um filme chamado “Ai que Preguiça, Show”, com ecos de “Macunaíma”, um marco de nossa literatura. A seleção de Gramado de 2026 já está no radar do veterano mestre dos dispositivos de animar.

“O festival foi fundamental para a nossa produtora, uma mola propulsora dos filmes de ficção e um veio de integração com o mundo da sétima arte em geral. Gramado é uma vitrine que viabilizou nossa existência”, explica Otto, lembrando uma situação inusitada que viveu no evento. “Nosso filme ‘The End’, exibido lá, tinha só três minutos de duração, mas a cópia arrebentou na projeção com a sala cheia e acabou consumindo mais de 15 minutos”.

Noutra latitude, o documentário, Gramado confere, nesta quinta, na seção de títulos gaúchos, uma pérola na linha dos filmes-catástrofe: o longa “Rua do Pescador nº6”, de Bárbara Paz. A atriz e diretora, apoiada numa montagem frenética, revive o desastre climático em Porto Alegre, em 2024. A sequência da luta de um cachorro para não ser engolido pelas águas é de roer unhas até o sabugo.

Faltam dois dias para Gramado acabar e, até o momento, entre os concorrentes que mais impactaram o evento, impõe-se para a posteridade o curta paranaense “Quando Eu For Grande”, realizado por Mano Cappu, de Curitiba. Sua geometria de acertos (e de afetos) é das mais multifacetadas. O enredo segue o menino Gabriel, de seis anos, e sua mãe, Vera, que retornam para casa, carregados de dúvidas e incertezas sobre o futuro, de uma visita.

Na seara dos longas, nada foi mais analgésico em Gramado, até agora, do que “Querido Mundo”, poema em P&B de Miguel Falabella, no qual dois perdedores em derrocada anunciada provam o doce gostinho da ascense amorosa numa noite de réveillon em escombros de um edifício. No sábado (23) o júri demonstra como recebeu essas duas maravilhas.

53 FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Maria de Fátima que nos dê licença, mas o Festival de Gramado, sem tempo para conferir “Vale Tudo” na telinha, reservou holofotes para a intérprete dessa popularíssima vilã, Bella Campos, dar ao cinema provas de um talento que, na televisão, ainda divide opiniões. O que de melhor ela oferece à TV, no remake do clássico da teledramaturgia dos anos 1980, pode ficar ainda mais intenso na telona gaúcha, onde a atriz será vista em “Cinco Tipos de Medo”, produção do Mato Grosso. É o último dos seis concorrentes ao Kikito de Melhor Longa de Ficção de 2025 a passar no evento serrano.

Sábado será conhecida a premiação e, até lá, a maratona cinéfila do Sul fica nas mãos do cinema documental. Não por acaso, ainda esta quinta, passam por lá os documentários “Lendo o Mundo”, de Catherine Murphy e Iris de Oliveira, e “Os Avós”, de Ana Ligia Pimentel.

Bella foi dirigida por Bruno Bini, do ótimo “Loop” (2020) e de “Os Idos de Novembro” (2022). Na trama de “Cinco Tipos De Medo”, Murilo, um jovem músico em luto (João Vitor Silva), envolve-se com Marlene (Bella), uma enfermeira presa a um relacionamento abusivo com um traficante. As angústias deles cruzam



Vale tudo

para o Mato Grosso em Gramado

‘Cinco Tipos De Medo’, estrelado por Bella Campos, a Maria de Fátima da novela das nove, é o último dos longas de ficção em concurso a passar pelo festival gaúcho

Bella Campos é a protagonista de ‘Cinco Tipos de Medo’, produção matogrossense com a grife de Bruno Bini

as de Luciana (Bárbara Colen), policial movida por vingança, e de Ivan (Rui Ricardo Dias), um advogado com intenções ocultas. Cinco vidas aparentemente desconectadas colidem num caminho sem volta, numa narrativa que promete tensão, enquadrada na direção de fotografia de Ulisses Malta Jr. Bini também assina a montagem da fita, cuja trilha sonora vai de Gonzaguinha a Black Alien.

Entre os curtas que concorrem em

Gramado, “Samba Infinito”, de Leonardo Martinelli, vindo da Semana da Crítica de Cannes, com Gilberto Gil no elenco, é o título com o maior conjunto de acertos (entre dramaturgia e execução) de todo o certame. A produção recria o carnaval do Rio a partir de tintas metafísicas, no empenho de um gari para encontrar os responsáveis de um menino perdido em meio aos blocos. Gramado impactou-se um bocado também com a divertidís-

sima produção baiana “Na Volta Eu Te Encontro”, de Urânia Munzanzu, na qual a fé nos orixás evoca as pombagiras das encruzilhadas em meio a uma peleja envolvendo aplique de cabelo.

A programação de Gramado se encerra no sábado (23) com “Luz, Magia e Emoção: Uma Jornada De 40 Anos de Natal”, .doc de Bianca Fioreze, a ser projetado hors-concours, à tarde, antes da cerimônia de encerramento.



O eterno brilho de **Gonzaguinha**

Compositor ressurgue em ‘Eu Apenas Queria Que Você Soubesse’, álbum vibrante e emocionado de Sandra Pêra

Por Affonso Nunes

Após a boa acolhida de “Sandra Pêra em Belchior”, lançado em 2021, a cantora e atriz retorna aos estúdios para um projeto ainda mais pessoal. Desta vez, ela dedica um álbum inteiro ao repertório de Gonzaguinha, que completaria 80 anos nesta sexta-feira, 22 de setembro, data de lançamento do disco. Intitulado “Eu Apenas Queria Que Você Soubesse”, o trabalho conta com a participação especial de sua filha, Amora Pêra, fruto de seu relacionamento com o próprio compositor. O Correio ouviu as faixas e se deparou com um manifesto sonoro vibrante e emocionado, denso e lírico tal qual foi o artista homenageado.

A ideia de gravar um álbum com canções de Gonzaguinha surgiu após sugestões de amigos e da produtora Flávia Souza Lima. Inicialmente, Sandra hesitou, considerando a escolha óbvia demais. “Resisti um pouco à ideia de gravar o Gonzaga. Achei que talvez fosse óbvio demais cantar outro compositor, ainda por cima o Gonzaga, pai da minha filha”, revela a intérprete.

No entanto, ao convidar Amora para dividir a produção do projeto, encontrou a motivação necessária. “Quis então que Amora encarasse comigo esta missão, e pude assisti-la trazer o imenso deste pai, tão talentoso e grandioso, para a voz de sua mãe. São letras tão lindas, tão Brasil, agora com novos olhares”, explica Sandra. E assim o que parecia óbvio, na verdade, era uma missão.

O álbum, produzido por Amora Pêra e Paula Leal, ambas integrantes do grupo Chicas, reúne participações especiais de destaque na música brasileira. Simone, Chico Chico, Regina Chaves e Dhu Moraes emprestam suas vozes ao projeto.

A abertura do disco é marcada pelo samba “Com a Perna no Mundo”, que evoca as origens de Gonzaguinha no Morro de São Carlos, no Estácio, quase que uma carta de apresentação ao artista ao universo.

Sandra fez questão de incluir “A Felicidade Bate à Sua Porta”, primeiro sucesso das Frenéticas, grupo que a revelou nos anos 1970. “Foi o primeiro sucesso das Frenéticas, que me fez conhecer o Gonzaga. Pedi a Regina Chaves e a Dhu Moraes que participassem comigo, já que as duas foram as primeiras amigas que chamei para

Sandra e Amora Pêra nos bastidores da gravação do álbum dedicado a Gonzaguinha



serem garçonetes, quando Nelson Motta me convidou para trabalhar no Dancin’ Days”, relembra a cantora.

As colaborações seguem critérios afetivos e artísticos. Chico Chico divide com Sandra a interpretação de “Maravida”, enquanto Simone participa de “Recado”, última faixa a ser gravada. “Chico Chico disse sim prontamente ao nosso convite. A última música do disco a ser gravada foi ‘Recado’, com Simone dividindo comigo os vocais nesta maravilha de canção”, conta Sandra. O processo de seleção do repertório envolveu um trabalho minucioso de adequação das canções à personalidade artística da intérprete. “Paula e eu procuramos entender o lugar de cada canção para a expressão e a voz da minha mãe, que tem esse lado para fora, solar, teatral”, explica Amora Pêra.

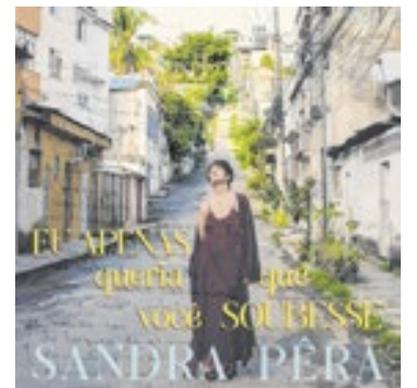
Um dos momentos mais emocionantes do álbum está na faixa-título, que reúne as vozes de Sandra, Amora e do próprio Gonzaguinha extraída de uma gravação em fita cassete, deixada anonimamente na casa de Marília Pêra, irmã de Sandra, um dia após o velório do artista, há mais de 30 anos. O material contém trechos de uma entrevista concedida pelo compositor à extinta rádio Alvorada FM. “Gonzaga pôs a música para tocar no meu ouvido, no caminho entre o quarto da maternidade e a sala de parto, sem dizer uma única palavra. Apenas me colocou para ouvir”, relembra Sandra sobre o momento do nascimento de Amora.

Para a filha do casal, essa gravação possui significado fundamental em sua formação. “Essa fita foi muito importante na minha juventude, ouvia quase todo dia. Ela tem uma carga na minha fundamentação, no meu crescimento sem ele e com ele. Então, foi orgânico e natural que ela

estivesse também no disco”, complementa Amora Pêra. A produtora Paula Leal, amiga de Amora há mais de três décadas, define o trabalho como um exercício de proximidade e intimidade musical. “A Sandra participou efetivamente de todos os arranjos, dizendo o que gostava ou não. Fomos pensando na sonoridade faixa por faixa, e a Amora não quis ouvir de jeito nenhum os arranjos originais, tinha medo de ser influenciada”, revela.

O repertório percorre diferentes fases da obra de Gonzaguinha, desde sucessos conhecidos até canções menos exploradas. Sandra justifica suas escolhas com memórias pessoais e descobertas recentes. “Escolhi cantar ‘Ser, Fazer e Acontecer’ porque Gonzaga me disse que a fez pensando em mim, na dificuldade que tivemos para registrar a Amora”, conta a intérprete. Outras canções como “Coração”, que considera uma das últimas composições do artista.

Um compositor se mantém vivo pela sua obra e este trabalho coloca a indignação e o lirismo de Gonzaguinha nos dias de hoje, comprovando o quanto sua arte é necessária a qualquer tempo. “É um disco intenso, cheio de presenças belas, que contém algo da leveza da minha mãe, mas também a intensidade do meu pai e a profundidade da nossa história”, resume Amora. “É um disco freudiano, só que sem precisar passar nada limpo: a música foi o fio condutor da história”, completa Paula Leal.



Por Affonso Nunes

Simone Mazzer apresenta “Deixa Ela Falar” no Espaço BNDES nesta quinta-feira (21), às 19h, espetáculo em que música, teatro e performance se misturam num manifesto contra os padrões impostos ao corpo e às ideias femininas.

O espetáculo nasce do álbum homônimo, quarto trabalho discográfico de Simone lançado pela Biscoito Fino em parceria com os instrumentistas Antônio Fischer-Band e Arthur Martau, do duo ANT-ART. A experiência de duas décadas na Armazém Companhia de Teatro moldou sua abordagem que entrelaça palavra, atuação, sonoridade, figurino e cenografia para questionar normas sociais limitadoras da expressão feminina.

A faixa-título, de Lydia Del Picchia e Luiz Rocha, descoberta durante apresentação do grupo Galpão, tornou-se ponto de partida conceitual. “A canção me chamou atenção pela letra, que fala sobre



Simone Mazzer e banda se apresentam no Espaço Cultural BNDES

Ela quer falar, gritar e cantar

Simone Mazzer apresenta espetáculo que mescla teatro e música em manifesto contra padrões impostos ao corpo feminino

Rei Santos/Divulgação

esse sistema regido por um padrão que não contempla a todos”, explica Simone. O repertório inclui composições inéditas como “Sem Lei” (Duda Brack/Iara Rennó) e “Mulheres Livres” (Bernardo Vilhena/Arthur Martau/Simone Mazzer), além de releituras de “Arrastão” e “O Crime” (Jards Macalé/Capinam).

“Corpo”, de Luisão Pereira, funciona como marco conceitual. “Esta música é o embrião do projeto, porque já queria falar sobre esses corpos marginalizados, silenciados, invisibilizados”, revela a artista, identificando o momento em que suas inquietações começaram a tomar forma definitiva neste trabalho de celebração e questionamento.

SERVIÇO

SIMONE MAZZER - DEIXA ELA FALAR

Espaço CULTURAL BNDES (Avenida República do Chile, 100, Centro), 21/8, às 19h

Entrada gratuita, com retirada de senhas 30 minutos antes da apresentação

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Turnê pelo estado

Com mais de três décadas de carreira, Paulo e Ricardo Santoro, os violoncelistas gêmeos cariocas mais renomados do Brasil, farão, em agosto e em setembro, uma turnê inédita pelo estado do Rio de Janeiro. O Duo Santoro percorrerá cinco cidades com o concerto “O Compositor É Vivo!”, com entrada gratuita. A turnê tem início em Cabo Frio (23/8), segue para Niterói (26/8), Petrópolis (7/9), Rio (14/9) e encerra em Engenheiro Paulo de Frontin (27/9). No programa, peças de estilos variados, do clássico ao popular.

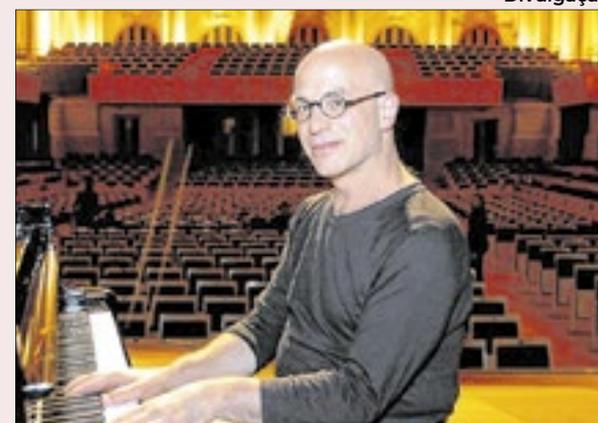
Sheyla Fotograffity/Divulgação



Marília Figueiredo/Divulgação

O brilho de Waldir

O cavaquinho de Henrique Cazes e o vioção 7 cordas de Rogério Caetano se unem nesta quinta (21), às 19h30, no palco do Teatro Rival Petrobras para o lançamento do álbum “Eterna Melodia – Waldir Azevedo 100 Anos”. O show celebra o centenário do compositor que revolucionou o papel do cavaquinho na música brasileira, transformando-o de instrumento de acompanhamento em protagonista melódico. A apresentação reúne clássicos como “Brasileirinho”, “Pedacinhos do Céu” e “Delicado”, além de composições menos conhecidas do repertório de Azevedo.



Divulgação

Saudades do Paulo

Cliff Korman e banda apresentam no Blue Note Rio repertório dedicado ao saxofonista Paulo Moura, morto há 15 anos. O show desta quinta (21), às 20h. Acompanhado pelos músicos Eduardo Neves, Augusto Mattoso, Fofó Black e Jovi Joviniano, o pianista executará temas do mestre como “Tarde de Chuva” e “Ao Velho Pedro” e a autoral “Saudade do Paulo”. Entre 1995 e 2010, Korman e Moura gravaram os álbuns “Mood Ingênuo” e “Gafeira Jazz”. Em sua carreira, Moura teve parcerias icônicas com João Donato, Wagner Tiso e Raphael Rabello.

Espectadores libertados de um lugar passivo

Claudio Amado transforma plateia em coautora em 'Improvisa Comigo Esta Noite', que volta aos palcos cariocas



O espetáculo “Improvisa Comigo Esta Noite”, de Claudio Amado, retorna ao Teatro Glauce Rocha para uma temporada às quartas-feiras, às 19h30, até 10 de setembro. A montagem solo de improvisação tem participação ativa da plateia na criação de cinco cenas inéditas a cada apresentação, transformando os espectadores em coautores da dramaturgia.

O formato difere do teatro de improvisação tradicional no qual o público geralmente apenas sugere temas iniciais. Aqui, a participação é constante: os espectadores cantam em coro, simulam a voz divina, movimentam-se sincronizadamente ou utilizam as lanternas dos celulares como elementos cênicos. Toda a interação acontece com o público em suas poltronas, sem que ninguém seja

chamado ao palco.

“Nos estádios esportivos o público canta, grita, faz olas, torce, solta fogos, agita bandeiras, e pode fazer quase tudo. Nos shows de música o público canta, pula, levanta os braços e acende os celulares. Por que no teatro só se pode rir e bater palmas? Eu queria libertar os espectadores e, ao mesmo tempo, ter um parceiro para criar as histórias comigo”, destaca Amado.

Este é o 37º espetáculo de improvisação na carreira do ator, que soma 30 anos de trajetória artística e duas décadas dedicadas ao improviso. Pela primeira vez, ele assume sozinho o palco, guiado pela energia coletiva da plateia. “Neste espetáculo, eu sou o intérprete de um ‘Dramaturgo-Coletivo’, como diz Augusto Boal no seu livro ‘Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas’”, afirma o artista.

A concepção surgiu em 2017, durante uma apresentação da Cia. Teatro do Nada na qual a plateia participou espontaneamente de uma cena, fazendo figuração como fãs de uma personagem. A partir dessa experiência, Claudio iniciou uma pesquisa sobre as possibilidades de interação contínua do público durante toda a performance.

O espetáculo estreou em novembro de 2023, na Colômbia, durante a quinta edição do Cundimpro, festival internacional de improvisação. No Brasil, a montagem integrou as comemorações dos 20 anos da Cia. Teatro do Nada, grupo pioneiro do teatro de improviso no país, com temporadas no CCJF, Teatro Glauce Rocha, Ziembinski e Sala Murilo Miranda. A produção recebeu os prêmios de Melhor Espetáculo e Melhor Improvisador no 2º Impro Grand Prix e

o prêmio de Melhor Direção de Monólogo no V Festar.

“É impressionante como o público, de todas as idades, participa de todas as cenas. É como se descobrissem um brinquedo novo, um tipo diferente de teatro no qual eles podem participar o tempo todo, interferir e ajudar na construção das histórias. Até mesmo a estreia na Colômbia, falando em portunhol, foi assim também, histeria pura. Parece mais um público de show de rock ou de partida de futebol do que de uma peça de teatro”, comenta o ator.

SERVIÇO

IMPROVISA COMIGO ESTA NOITE
Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179, Centro)
Até 10/9, às quartas-feiras (19h30)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Marlus Araujo inverte papéis tradicionais entre humanos e tecnologia em mostra que questiona quem está no controle das inteligências artificiais

A IA que observa (e cria)



Por Affonso Nunes

A Meta Gallery recebe uma exposição que pode interessar aquela fatia do público que se interessa pelo cruzamento entre arte, tecnologia e comportamento. Trata-se de “Isto Não é Um Prompt”, exposição que o artista computacional Marlus Araujo inaugura nesta sexta-feira (22). Numa ineversão de papéis, a Inteligência Artificial deixa de ser ferramenta passiva para se tornar protagonista criativa. Troicando em miúdos, a IA toma a iniciativa da interação, observa, processa e cria de forma autônoma.

“Trata-se de uma Inteligência Artificial que, em vez de ser acionada pelo usuário, toma a iniciativa da primeira ação”, explica Marlus, questionando nossa relação cada vez mais complexa com as máquinas inteligentes. A proposta ganha relevância num momento em que algoritmos de reconhecimento facial e sistemas de monitoramento se multiplicam silenciosamente em nosso cotidiano.

A experiência começa antes mesmo da entrada na galeria. “Captura Involuntária”, instalação inédita posicionada na vitrine, utiliza câmeras para produzir visualizações em tempo real das pessoas que transitam pela calçada da Rua da Assembleia. A obra funciona como um espelho tecnológico que revela como a IA processa rostos, detecta objetos e mapeia movimentos, transformando transeuntes em matéria-prima para uma criação artística instantânea e sem interferência humana.

No primeiro piso, “ElementAIs” mergulha o visitante numa experiência sinestésica que dialoga com tradições milenares. Inspirada no I Ching e em cosmologias ancestrais, a instalação traduz os cinco elementos da natureza – fogo, água, terra, ar e éter – em projeções imersivas geradas por algoritmos. O resultado são “alucinações visuais” que expandem a percepção sensorial e propõem um reencantamento poético da tecnologia.

A jornada culmina com “Maboroshi”, escultura robótica desenvolvida em parceria com Gabriela Castro que aguarda os visitantes na escada para o segundo piso. Equipada com sensores de presença, a obra acompanha cada movimento

A mostra oferece uma experiência imersiva que nos obriga a repensar nossa posição num mundo onde as máquinas começam a nos observar de volta

humano com seu olhar mecânico, invertendo definitivamente a dinâmica tradicional de observação. O resultado é uma sensação inquietante de ser monitorado por uma entidade que possui vontade própria.

Com curadoria da pesquisadora Paula Martini, especialista em Tecnologia e Sociedade, a exposição transborda o debate tecnicista sobre as IAs para aprofundar conceitos como autonomia, criatividade e poder.

Num contexto em que sistemas algorítmicos influenciam desde recomendações de consumo até decisões políticas, Marlus Araujo propõe uma reflexão urgente sobre quem realmente controla quem na era da inteligência artificial.

SERVIÇO

ISTO NÃO É UM PROMPT
Meta Gallery (Rua da Assembleia, 40, Centro)
De 22/8 a 3/10, de segunda a sexta (10h a 18h)
Entrada franca

